

O Coração e o Cérebro

É um engano afirmarmos que nos habituamos com o sofrimento e que ficamos calejados e indiferentes ante a angústia alheia. Nada menos verdadeiro. O que aconteceu é exatamente o contrário. À medida que envelhecemos, ficamos com o coração mais afinado e mais sensível. A razão está aqui: é o cérebro que pensa, mas é o coração que sente; é o cérebro que se impressiona, mas é o coração que ama; é o cérebro que exalta, mas é o coração que palpita; é o cérebro que se emociona, mas é o coração que sofre. É que não podemos afastar o coração, o sentimento, da essência da medicina. Oxalá isto fosse possível e deixaríamos que o cérebro isolado nos respondesse de tanta emoção.

Já vislumbramos o entardecer de nossas vidas. Sinto-me, entretanto, ainda cheio de entusiasmo e profundamente útil no exercício diário da minha profissão, comparando-me com as Velhas Árvores, do belo poema de Olavo Bilac:

“Não choremos, amigo, a mocidade.

Envelheçamos rindo.

Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem.

Na glória da alegria e da bondade.

Agasalhando os pássaros nos ramos

Dando sombra e consolo aos que padecem.”

Parabéns a todos vocês pelos 25 anos de nossa querida Academia Brasileira de Pediatria.

Meu afetuoso abraço,

Milton Hênio Gouvêa

Maceió, 18 de outubro de 2020